

---

# A floresta não (a)parece selvagem por todos os lados: encontros inumanos no cinema em escolas infantis

---

Wenceslao Machado de Oliveira Júnior [1]

---

**Resumo:** As filmagens produzidas por professoras e crianças podem funcionar como defensoras da floresta? A floresta, enquanto multiplicidade imprevisível do que nos é comum, invade o cinema na escola por todos os lados. Este texto é desdobramento da pesquisa Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas e aponta a escola como um lugar, um modo de fazer cinema e muitos corpos docentes e infantis emergiram como potências cinematográficas nos pequenos filmes que vivificam a floresta em meio à cidade, performando um cinema selvagem, atravessado por forças e esquecimentos.

**Palavras-chave:** Cinema. Educação infantil. Floresta.

The forest does not see(m) wild all around: inhuman encounters in cinema in kindergartens

**Abstract:** Can video footages produced by teachers and children function as defenders of the forest? The forest, as an unpredictable multiplicity of what is common to us invades cinema at school, all over. This text is an unfolding of the research project: Place-school and cinema: affections and mutual metamorphoses and it remarks school as a place, a way of making cinema and many teachers and children emerge as cinematographic potencies in small films that vivify the forest in the middle of the city, performing a wild cinema crossed by forces and forgetfulness.

**Keywords:** Cinema. Child education. Forest.

---

[1] Professor do grupo OLHO da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

## Preâmbulos

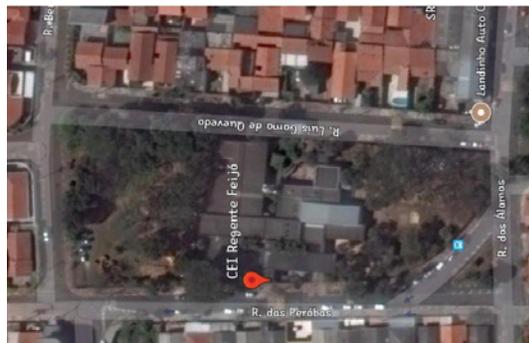
A floresta, enquanto multiplicidade imprevisível do que nos é comum, invade o cinema na escola por todos os lados. São cotidianas e variadas as filmagens em que os personagens são nítidas emergências inumanas da floresta em meio à escola: árvores, gravetos, folhas, terra, grama, cigarras, lagartas, borboletas, gambás, pássaros, galinhas, escorpiões, vento, chuva, enxurrada, céu, chão...

A cada aparição, as câmeras se voltam para aquilo que emergiu com(o) força, para o signo da floresta que apareceu como afeto e singularidade vindos como que do nada. Cada filmagem busca fixar a aparição ali, como signo da escola, nomeando a floresta, tornando-a compreensível, catalogável como mais uma parte do todo, ou melhor, da pressão ao todo de onde (o) nada escapa.

Há também filmagens de animais que aparecem (porque vivem) no parque e, muitas vezes são objeto tanto de encantamento quanto de medo, levando alguns deles a serem mortos pelas crianças ou pelos profissionais da escola. Nestes momentos a floresta (a) parece selvagem. Mais selvagem gostaríamos que fosse o cinema...

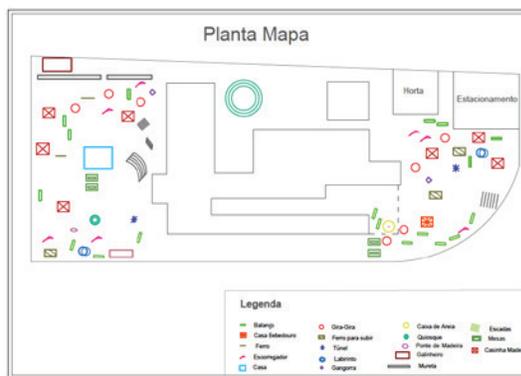
## Lugar e corpo

Muitos foram os aprendizados sobre a floresta, através da relação entre criança e natureza, desde que o cinema passou a ser experimentado em uma escola. Na verdade duas escolas públicas municipais de educação infantil que funcionam num único quarteirão no bairro Boa Vista, um bairro de classe média baixa, na periferia de Campinas-SP.



*Imagem do quarteirão onde se situam as duas escolas*

Fonte: Google Earth



*Planta-mapa do lugar-escola*  
*Elaboração: Stella Rodrigues*  
*(Bolsista SAE-Unicamp)*

Fonte: Acervo do Projeto

Pela foto aérea nota-se que é uma região com alguma arborização urbana. Em especial, a quarteirão das escolas é muito arborizado. Pela planta-mapa nota-se que há muitos brinquedos localizados nas partes arborizadas das escolas. São os parques, nas palavras dos profissionais que lá trabalham e das crianças que se apropriam deles diariamente na CEI Regente Feijó e na CEI Cha Il Sun.

Iniciamos este ensaio trazendo aproximações em imagens com o lugar onde se situam estas escolas porque, na esteira de Fernand Deligny (2015), Ailton Krenak (2019), Gilles Deleuze e Félix Guattari (2003), Clarice Lispector (1964) e outros autores e autoras tão díspares quanto sintonizados, cada dia mais nos certificamos que nossos pensamentos são também desdobramentos das sensações que atravessam nossos corpos humanos nas experiências que vivemos nos lugares, com os corpos humanos e inumanos que configuram este lugar (Massey, 2008).

Quando falamos que os pensamentos são desdobramentos das sensações buscamos indicar que as experiências vividas - e os pensamentos delas desdobrados - se dão fortemente em nossos corpos porque são eles que sentem as vibrações das sensações. Sensações não são sentimentos, pois os sentimentos já são, de alguma forma, a ação do pensamento dando nomes às sensações. Quanto mais intensas as vibrações que nos atravessam e quantos menos nomes podemos dar a elas, mais exigimos do pensamento, mais inventamos maneiras de nos aproximar não propriamente daquilo que se passa em nossos corpos, mas sim do encontro que nos fez vibrar assim. Encontro com o humano e o inumano que compõem o lugar onde estamos quando o corpo vibra e se (des)faz presente mais intensamente.

### Cinema e natureza selvagens

Quando nossos corpos humanos estão atravessados pelas múltiplas experiências inumanas do cinema (LEITE, 2011; MIGLIORIN, 2015; XAVIER, 2003) nossos corpos se (des)fazem outros. Com suas imagens, câmeras e

microfones o cinema altera nossa atenção, nossa percepção. Especialmente nossos olhos e ouvidos se expõem ao lugar atentos aos devires-imagem-e-som que podem emergir dali. Não é mais o encontro com o lugar que aciona nossos corpos-pensamentos, mas sim as potências que ali vibram para seu devir imagem e som, para o devir cinema do lugar (OLIVEIRA JR, 2015). Conforme nos perguntamos no projeto *Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas*,[2] “um ‘corpo-com-uma-câmera’ é sempre híbrido e mira o espaço - é afetado pelo lugar-escola - em seu devir imagem? Portanto, não é sensível às coisas, mas ao devir delas enquanto imagens?”.

Neste mesmo projeto apostamos que o cinema na escola é tanto mais potente quanto menos busca mostrar o que se vive naquele lugar-escola e quanto mais alcança extrair desse vivido não propriamente aquilo que ele é - o que faria o filme ser uma obra sobre o lugar -, mas aquilo que esse vivido pode vir a ser, fazendo-se filme uma obra com e pelo lugar (“pelo” significa “em intenção de” e não “em nome de”), onde devires antes não sensíveis ali podem vir a tornar-se sensíveis. Esse cinema se imiscui no lugar e é atravessado por ele, pelas forças e materiais que compõem as trajetórias heterogêneas que ali se reúnem, se tensionam, se (des)articulam, produzindo sempre novos devires (OLIVEIRA JR, 2018, p. 9-10).

Fazer emergir algo antes insensível tem sido o esforço realizado no evento denominado *Selvagem - ciclo de estudos sobre a vida*[3], no qual busca-se fazer emergir “várias camadas entre ciências, conhecimentos indígenas, arte, ecologia e filosofia”[4]. Em suas variadas falas e intervenções artísticas e culturais

o que vemos emergir dali é uma explosão de signos que (a)parecem vir por todos os lados e nos (des)fazem em nossas certezas e nomeações, sobretudo daquilo que buscamos catalogar sob o nome genérico de natureza. Esta última passa a não caber mais em nossos pensamentos e faz escapar de nós o nosso mundo. A natureza passa a ser atravessada por devires outros ao conectar-se com signos que antes não estavam ali, naquela natureza anterior, capturada por aquilo que se quer civilização. A natureza torna-se múltipla e a um só tempo imprevisível e comum a todos nós, tornando-se floresta selvagem na medida mesma que nos produz encantamento e medo.

Estas várias camadas que emergem selvagemmente do *Selvagem* nos propõem antes de mais nada esquecer. Esquecer os esquemas de pensamento que nos impedem de lidar com a importância da vida para além dos humanos.

Os humanos são só um mínimo organismo vivo da vida. A vida é muito mais, ela transcende e atravessa tudo. A vida está nas montanhas, nas florestas, nos rios, no espaço. Ela está nos organismos que nós não enxergamos, inclusive nesse vírus que está andando por aí (KRENAK, 2020, s/p).

Em muitas das falas do *Selvagem* é apontado que nossos corpos humanos compõem um lugar como algo que faz parte da natureza. Não são externos a ela, nem internos; são uma mesma coisa, uma mesma multiplicidade em comum. Nestas falas também é apontado que são as sensações que dão passagem a esse co-pertencimento entre natureza e nossos corpos humanos.

As cidades, nesse sentido, criam severos distanciamentos nesse co-pertencimento e realizar pesquisa numa escola urbana onde esse pertencimento é intensamente provocado pelo próprio lugar onde a escola se situa é uma alegria, pois permite experimentar os afetos e metamorfoses mútuos entre humanos e inumanos que se co-produzem. Afinal, se podemos dizer que as árvores presentes nos parques da escola são fruto da humana arborização urbana, as forças que emergem através delas não o são mais humanas, mas sim provêm da “floresta como entidade, como um vasto organismo inteligente”[5] que, inevitavelmente, emerge em cada árvore que se conecta a outra e a outras formas de vida que prescindem do humano para seguir vivendo e inventando a vida.

Por isto podemos dizer que é a floresta que agencia muitas das filmagens e filmes[6] que realizamos na escola, bem como é ela que aparece nas imagens e sons que vemos nas telas e em muitos outros signos e gestos do cinema que ali inventamos cotidianamente.

#### Antes do cinema a floresta já estava lá [7]

Logo em meu primeiro contato com aquele lugar-escola fui afetado pela exuberância das árvores no entorno dos prédios escolares. Mais ainda, devo dizer que fui tocado pelas salas de aula que se abrem justamente para essas partes de ar livre que ambas as escolas possuem.

Mas foram outras duas coisas que me levaram a prestar atenção, a sair de meu encantamento de voo de pássaro para pousar ali meus ouvidos, mais que meus olhos. A primeira delas foi o relato feito pela orientadora

pedagógica sobre uma infestação de escorpiões que havia ocorrido alguns anos antes e a decisão das escolas em não realizar a desinfestação por meios químicos, mas sim por meios naturais, através de galinhas. Compraram uma certa quantidade delas e construíram um galinheiro, deixando as galinhas soltas ao longo do dia. Pois bem, as galinhas comem escorpiões e, portanto, reduziram a quase nada a existência deles naquele lugar, além de terem provocado outras experiências das crianças com outras formas vivas existentes no mundo - neste caso, as galinhas, galos e pintinhos - e, como isto, terem exigido a invenção de outras práticas educativas pelos profissionais da escola, uma vez que o contato entre crianças e galinhas não foi e nem é propriamente tranquilo, visto que as crianças correm atrás delas e, quando conseguem pegar alguma, apertam demais aquele ser vivo. Independente da relação - inadequada? - que se estabelece entre crianças e galinhas, outras experiências se fizeram existir ali, entre crianças e natureza, fazendo circular ali outras forças da floresta.

Ao invés de resolverem um problema - a infestação de escorpiões - para seguirem fazendo o mesmo de sempre, resolveram inventar para si outros “problemas” que exigiam de seus profissionais outras relações com aquele lugar-escola, mais especificamente com aquela parte a que habitualmente chamamos de natureza.

Afinal, não eram somente a correria atrás das galinhas e os apertões que elas levavam das crianças que exigiram outros modos de se relacionar com aquele lugar tão arborizado e amplo. A imagem e o mapa não mostram, mas o quarteirão tem um ligeiro declive e o terreno é todo irregular, tendo poucos locais

mais ou menos planos. As correrias atrás das galinhas, portanto, levaram e levam a tombos e pequenos ferimentos, afinal os gestos que as crianças fazem para correr atrás das galinhas não são os mesmos que faziam quando corriam entre si nas brincadeiras que já ocorriam naqueles espaços ao ar livre.

Em outras palavras, as novas relações entre crianças e natureza levaram ambas a sofrerem sutis alterações ao exigir que os corpos das crianças se tornassem outros para poderem seguir alegres. Diríamos que elas eram e são mais alegres justamente quando estão sendo outras, quando estão inventando (a) vida, que é mais vívida quando se faz como variação constante, sempre outra, desdobrada de si mesma. Entendemos que são essas pequenas variações (de vida) que nos fazem mais alegres, talvez uma alegria sutil, imperceptível, composta muito mais de sensações corporais que de sentimentos-pensamentos claros. A maior parte de nossas novas sensações mergulham no escuro de nossos corpos, naquilo que, em nós, ainda é e será sempre natureza: o corpo. Está em nossos corpos aquilo que insiste em preservar a floresta pulsante em nós.

Penso que, numa equação meio torta - e por isso mesmo instigante - que se a floresta e a criança são vida, e se vida é variação constante, floresta e criança são variações constantes. A condição delas seria variar...

O encontro entre coisas que variam sempre me parece ser imensamente potente para provocar variações mais e mais intensas - ou seja, para provocar a vida a ser mais e mais intensa -, mesmo que essas variações sejam imperceptíveis ou justamente porque são imperceptíveis a olho nu, a distância. Mas certamente elas são totalmente perceptíveis

quando miradas de perto, nas gotas de suor dos corpos, nos olhos arregalados, no cansaço, estranhamento e encantamento, por exemplo, das galinhas e crianças, na poeira que subia a cada carreira de humanos e não humanos.

A segunda coisa que me fez ser tão afetado por esse lugar-escola foi a frase “nossa, como a escola é bonita”, dita por uma professora ao ver o primeiro filme produzido na escola.[8]

A escola já estava lá, diante dos olhos dessa professora que ali trabalhava fazia alguns anos. No entanto, somente quando ela se fez imagem se tornou beleza, uma beleza, segundo essa mesma professora, fortemente marcada pela natureza, mais especificamente uma beleza que emergiu através das grandes árvores e dos fios de luz do sol que atravessavam por entre suas copas em algumas das tomadas do filme. As imagens intensificaram as sensações daquela professora com relação à natureza florestal que já estava lá.

Seguindo meu argumento até aqui, esse fato me leva a acreditar que as imagens podem funcionar como terranos, como defensoras da Terra (FAUSTO, 2013), da natureza, da variação contínua da floresta, da vida, portanto, das crianças e de suas intensas e imperceptíveis relações com a natureza. Enfim, mais que defensoras, as imagens podem ser agenciadoras de outros encontros entre humanos e inumanos.

Em todas as filmagens e filmes que tocam as “coisas” da natureza, grama, chão de terra, árvores, galinhas, céu, estas “coisas” não são mais somente elas quando aparecem na tela, mas sim são também signos do cinema

que fazem os sentidos e as sensações provenientes deles entrarem em variação. Não estamos diante somente de árvores, mas de árvores e beleza e brilho e giro e tonteira e riso e... tudo que vai grudando na imagem fazendo-a mais intensa, mais cheia de vida. No cinema que temos experimentado nestas escolas, isso ocorre, muitas vezes, através de gestos cinematográficos muito simples, como a escolha de onde colocar a câmera ou o que deixar no extracampo.

Vejamos alguns dos filmes, produtos deste cinema na escola, para pensar como o cinema, uma força inumana habitualmente pensado como não proveniente da natureza, também intensifica as forças da floresta que emergem na escola.

#### Alguns filmes da floresta urbana

Nesta parte traremos a este ensaio alguns dos filmes em que a floresta emergiu com mais potência no cinema realizado na escola. No canal no *Youtube* do Cineclube Regente/Cha[9] encontramos outros deles.

Desde as primeiras experimentações com o cinema pelas professoras a floresta selvática emergiu como força nos filmes realizados. Em um de nossos primeiros textos, escrito a quatorze mãos, sobre o que estávamos experimentando neste Cineclube na escola de educação infantil pode-se ler:

O que pode um dispositivo que exige câmera fixa, quando ela é fixada em um brinquedo giratório? Pode muito... pode fazer árvores girarem; pode nos tontear diante da tela; pode captar um plano que gira em torno de um eixo complementado por vozes de crianças que cantam

uma canção tradicional e se provocam entre gritos e risos, ao final... Um dos filmes resultantes da experimentação de tal dispositivo nas escolas, *Quem quer casar*[10], foi várias vezes escolhido para ser a abertura da sessão de cinema para as famílias, escolha dada numa negociação de sensações e emoções, em que não fica claro, pelo menos verbalmente, o porquê da escolha... em conversas sobre filmes, parece que nem tudo consegue ou é passível de ser dito, expresso de forma clara (OLIVEIRA JR e outros, 2019, p. 352).

Na citação fica claro o encantamento com aquilo que não se explica, com o devir imprevisível das copas das árvores que, de repente, giram não acima de nós, mas na nossa frente... e, em um minuto, nos fazem girar e sentir náuseas.



Fotogramas do filme *Quem quer casar*

Fonte: Acervo do Cineclub Regente/Cha

No mesmo texto também pode-se ler sobre outro filme em que algo de selvagem emerge da floresta que atravessa a escola.

O que pode uma câmera parada, colocada no chão do parque em uma escola de Educação Infantil? Pode muito... as imagens captadas podem gerar filmes como [...] *Fogo no parque*[11]. [...] As materialidades do parque (pedras, galhos, pedaços de brinquedos esquecidos, flores, folhas, penas dos galos e das galinhas, ovos botados por estas em canteiros, terra, areia etc.) são elementos para a imaginação criadora que se desenrola nas brincadeiras que se constroem nas relações entre elas. [...]

Em *Fogo no parque*, dois momentos de câmera parada captam pequenos grupos de meninos em volta de pauzinhos e areia, na produção de fogo; nas falas surge a disputa sobre quem acendeu o fogo primeiro... Novamente, as materialidades presentes, numa brincadeira que dura mais que um dia, assim como o diálogo que se repete no filme, em sua edição. *Fogo no parque* nos coloca cara a cara com a criança e sua atitude de imaginação criadora, vinculada às materialidades naturais, aqui a terra e os galhos e o fogo (OLIVEIRA JR e outros, 2018, p. 350-351).

Neste filme, que posteriormente foi renomeado para *Fogo*, o som tem um papel importante, tanto para trazer as vozes das crianças quanto para indicar que brincadeira é aquela. Mas a principal importância do som é o efeito exasperante que a repetição das mesmas frases vai criando no espectador, trazendo ao filme sensações que não estão nas imagens, mas na sonoridade que escapa do registro e da representação ao escapar da sincronia com o que vemos e, ao mesmo

tempo, se conectarem às imagens de outras maneiras.

No recente *A magia do brincar*[12] não é o fogo ou algo vegetal que agencia a floresta no cinema, mas sim o desejo de filmar sombras no parque que acionará o sol como presença múltipla a formar e adornar as sombras das crianças e brinquedos do parque. Se no primeiro dos filmes trazidos a este texto é o céu que vemos, neste é o chão de terra que serve de anteparo para as sombras e para nossos olhos, revelando texturas, cores, luminosidades e composições e sensações diversas.



Fotogramas do filme *A magia do brincar*

Fonte: Acervo do Cineclub Regente/Cha

Se árvores e suas derivações, como galhos e folhas, (a)parecem em muitos filmes como acionadores de gestos e filmagens, são os viventes animais o que mais aciona câmeras voltadas para eles.

Foram feitos vários filmes em que o próprio título os traz para a centralidade do que veremos: *Minhoca*[13], *Papagaio*[14] e *Cigarras*[15] são exemplos disto. O primeiro é uma animação bastante marcada por certos signos massificados, como a cor rosa e azul para indicar o sexo-gênero de cada uma das duas minhocas em cena e é sonorizada por vezes das crianças cantando uma música que faz referência a este animal.

Os dois últimos foram realizados a partir de situações vivenciadas na escola em que a floresta literalmente invadiu o território habitual da escola. Em *Papagaio* vemos filmagens feitas dentro de uma sala de aula em que um pássaro aparece rodeado pelas crianças em vários momentos e ângulos de filmagem. Ao final, o pássaro voa de volta ao ar livre. O título do filme é tributário da fala de uma das crianças que afirma ter sido um papagaio que esteve entre elas, fazendo variar o pássaro e trazendo a multiplicidade da floresta de maneira irônica para o filme.



Fotogramas do filme *Papagaio*  
Fonte: Acervo do Cineclube Regente/Cha

Em *Cigarras* também ouviremos as crianças trazerem outros animais como nomeação possível do animal que muitos veem pela primeira vez. Assim como em *Fogo*, o som é um elemento muito importante neste filme.

As frases das crianças às vezes se conectam com o que estamos vendo e às vezes não, uma vez que em vários momentos elas estão a dizer coisas que ouviram em casa ou aprenderam na escola acerca da vida das cigarras enquanto o que vemos são filmagens, desenhos e fotos relativos a estes animaizinhos que, num certo dia, começaram a sair do chão e a se dirigir para as árvores do parque. Frases como “Vem ver, tia!” se misturam com as bocas abertas e os olhos arregalados e as explicações dos professores. Mas estas últimas são atravessadas pela floresta que vive em cada criança e produz diálogos assim:

- *O que é isto?*
- ‘Taruga’.
- Tartaruga?
- Cigarra.
- ‘Taruga’.
- Cigarra.

Era um dia  
como  
outro qualquer na  
escola. Um





*Fotogramas do filme Cigarras*  
Fonte: Acervo do Cineclube Regente/Cha

A sequência de imagens do filme faz o percurso que as cigarras fizeram naquele dia: do subsolo às árvores, do chão ao céu. Todo um circuito florestal, com desvios selvagens pelos desenhos e falas das crianças, afinal as cigarras “fazem xixizinho e elas vivem embaixo da terra”.

A floresta é uma força tão presente naquelas escolas que insiste em aparecer em filmes onde ela nem foi chamada, nem pelo título e nem pelas vozes que ouvimos. Este é o caso dos filmes *Ouvindo as crianças*[16] e *Caiu o xilofone?*[17]. Vejamos algumas imagens deles.





Fotogramas do filme *Ouvindo as crianças*  
Fonte: Acervo do Cineclube Regente/Cha

... E o mais interessante é que eles diziam a mesma coisa: é preciso estarmos atentos aos sinais da natureza.



Fotogramas do filme *Caiu o xilofone?*

Fonte: Acervo do Cineclub Regente/Cha

O descolamento entre imagens e sons no primeiro filme permite trazer a floresta como multiplicidade colorida e esvoaçante de borboletas e outros insetos em conexão com plantas e flores e também como magnetismo da terra sobre os gestos de crianças bem pequenas, trazendo ao espectador uma floresta previsível e bela.

No segundo filme, *Caiu o xilofone?*, este mesmo descolamento entre sons e imagens leva o espectador a um conjunto de conexões um tanto aleatórias entre signos cinematográficos muito mais diversos intercaladas com registros do cotidiano escolar onde a sincronia entre imagens e sons é total. Neste último filme a floresta emerge selvagem em

meio às picadas bem conhecidas dos percursos humanos através dela. As sonoridades que atravessam este filme nos colocam dentro da sinfonia que existe em uma floresta selvagem, onde sons variados e sobrepostos, com tonalidades e intensidades distintas, perfazem, juntos, algo cuja decodificação é reservada aos que se dedicaram a escuta-la com acuidade e foram descobrindo, aos poucos, que a sua aparente cacofonia é condição para a criação infinita de outras conexões e sonoridades, de outras imagens dela mesma. Tal floresta, qual cinema. Tal cinema, qual floresta.

### Deambulações

Diante do selvático que vibra e faz vibrar qualquer forma de vida (e arte) podemos nos surpreender com múltiplas sensações, entre elas as que denotam encantamento e as que denotam medo, as quais muitas vezes são as mesmas ou muito semelhantes para serem distinguidas com facilidade. A linha tênue que as separa é a que nos levará a acolher ou a matar o que emergiu em nós e no mundo a partir do encontro cinematográfico com algum dos signos da floresta que insistem em permanecer nas cidades, em emergir de árvores e solos, de voos e cores, de ventos e insetos.

Dedicamos este ensaio ao encontro entre humanos e a inumana floresta em um lugar. Não me parece será preciso relatar as muitas outras histórias que tenho visto e ouvido por lá sobre as relações entre corpos humanos e natureza para compreender as potencialidades de cada lugar para deixar-se afetar pela floresta que atravessa nossas escolas e cidades.

Mas me parece necessário salientar que estes parques tão amplos para uma escola pública são muito restritos quando pensamos no planeta como um imenso corpo sem órgãos, conforme escreveram Gilles Deleuze e Félix Guattari (2015), para dizer que ele é pura variação, que ele é vivo!

Dedicamos este ensaio também ao encontro entre cinema e escola na busca justamente de apontar que esta força inumana, cinematográfica, pode ampliar estes espaços restritos na medida mesma que o cinema pode ser tão selvagem quanto a floresta em seus múltiplos modos de fazer aparecer algo que até então não estava ali, não era sensível aos corpos humanos, não nos fazia vibrar.

De algumas formas, o ensaio aponta para a possibilidade de fazer proliferar a floresta por meio do cinema na escola na medida mesma que este último for mais selvagem, fazendo re-existir as forças de variação da vida, em especial aquelas “forças naturais”, as sensações, que atravessam qualquer corpo humano ou inumano.

Experimentar o cinema na escola por meio de gestos simples e ampla abertura para o mundo que emerge do parque tem nos levado a admitir o quanto não estamos sabendo ser humanos em meio à floresta, o quanto não estamos apostando no que pode vir a ser a natureza e a vida se acolhermos as palavras de Fernando Pessoa que, após escrever “não sei sentir, não sei ser humano”, finaliza esta parte do poema *A passagem das horas* se propondo a “ir ser selvagem, entre árvores e esquecimentos”.

## Referências:

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka, para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 28 de Novembro de 1974 - como criar para si um corpo sem órgãos (1980). In: \_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004. v. 3.

DELIGNY, F. *O Aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

FAUSTO, J. Terranos e poetas - o “povo de Gaia” como o “povo que falta”. *Revista Landa*. v. 2, n. 1. Disponível em: <http://www.revistalanda.ufsc.br/PDFs/vol2n1/Juliana%20Fausto%20Terranos%20e%20poetas.pdf>

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. O tempo para respeitar a Terra acabou (entrevista). 2020. Disponível em: [https://yam.com.vc/sabedoria/775794/ailton-krenak-o-tempo-para-respeitar-a-terra-acabou?fbclid=IwAR1IsIXr6uL\\_AzSbPUib9pbRu5f\\_csVGfZpgpcT8w9DC8jUdsra1cSDpyG8](https://yam.com.vc/sabedoria/775794/ailton-krenak-o-tempo-para-respeitar-a-terra-acabou?fbclid=IwAR1IsIXr6uL_AzSbPUib9pbRu5f_csVGfZpgpcT8w9DC8jUdsra1cSDpyG8). Acesso em 19 de abril de 2020.

LEITE, C. *Infância, experiência e tempo*. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2011

LISPECTOR, C. Mineirinho In: LISPECTOR, C. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

MASSEY, D. *Pelo espaço - uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MIGLIORIN, C. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

OLIVEIRA JR, W. M.; AMARAL, S. R. F.; OLIVEIRA, M. A.; PEREIRA, M. S. C.; GUARI, M. A.; OLIVEIRA, J. P. S.; MELO, R. L. Encantamentos e desassossegos - fragmentos dos (des)encontros entre cinema e escola de educação infantil. In: TEBET, G. (org). Estudos de bebês e diálogos com a sociologia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

OLIVEIRA JR, W. M. Uma educação e um cinema no terreno? - o espacial e as imagens verdadeiras em Fernand Deligny e Cao Guimarães. In: FRESQUET, A. (Org.). *Cinema e educação: a lei 13.006 - reflexões, perspectivas e propostas*. Ouro Preto: Universo Produções, 2015.

XAVIER, I. (org). *A experiência do cinema*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

Recebido em: 01/05/2020

Aceito em: 05/06/2020

[2] Circulação restrita. Fapesp 2018/09258-4. <https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/104162/lugar-escola-e-cinema-afetos-e-metamorfozes-mutuas-do-espaco-as-filmagens-das-filmagens-ao-espao/>

[3] “Selvagem é um ciclo de estudos, idealizado pela Dantes Editora, que inclui rodas de conversas e publicação de livros. Pesquisadores de culturas aparentemente distantes entre si, e que se valem de mecanismos próprios de estudo, reúnem-se em rodas de conversas francas e abertas ao público onde são apresentadas suas perspectivas e conhecimentos sobre a vida. Com a mediação de Ailton Krenak, um dos mais importantes pensadores brasileiros, são criadas, em torno de eixos temáticos, as correspondências entre saberes científicos, indígenas, artísticos, acadêmicos e ancestrais.” Texto presente no canal do Youtube do evento: <https://www.youtube.com/channel/UCJFxuy0nRF3Z9YvBW7vljCA>

[4] <https://rotacult.com.br/2019/11/segunda-edicao-de-selvagem-acontece-no-jardim-botanico/> Acesso em 12/04/2020.

[5] Definição dada por Ailton Krenak em contraposição à ideia ocidental de “natureza como mecanismo”. Conversa SELVAGEM - Ailton Krenak e Marcelo Gleiser, ocorrida online e ao vivo no dia 17 de abril de 2020,

durante a pandemia provocada pelo contágio de milhares de humanos por uma variedade do coronavírus que tem levado à morte parcela significativa destes humanos e ao estabelecimento de políticas de reclusão e contingenciamento de atividades econômicas no mundo todo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xeAl7GDOefg> Acesso em 18 de abril de 2020.

[6] Temos optamos por distinguir as duas palavras, entendendo que filme é uma obra pronta e filmagem é todo material filmado que “ainda não é filme”, mas conserva a potência de vir a ser... filme. Ambos, no entanto, já são cinema.

[7] “A floresta já vivia muito tempo antes da gente. Ela tem informações do universo e do planeta de milhares e milhares de anos. Do mesmo modo, consegue nos passar essas informações.” Biraci Júnior Yawanawá em A floresta é sábia. Disponível em: <https://yam.com.vc/sabedoria/777742/biraci-junior-yawanawa-a-humanidade-precisa-se-curar> Acesso em 19 de abril de 2020.

[8] Esse filme se perdeu nos meandros do computador da escola.

[9] <https://www.youtube.com/channel/UCrSABemrU4nHGEH4fDvK3A/videos>

[10] Link para o filme: [https://www.youtube.com/watch?v=uCL4qNmy\\_0I](https://www.youtube.com/watch?v=uCL4qNmy_0I) Acesso em 14/04/2020.

[11] Link para o filme: <https://www.youtube.com/watch?v=X6ECXdcw98o> Acesso em 14/04/2020.

[12] Link para o filme: [https://www.youtube.com/watch?v=n5jq5\\_yT2rg](https://www.youtube.com/watch?v=n5jq5_yT2rg) Acesso em 14/04/2020.

[13] Link para o filme: <https://www.youtube.com/watch?v=7Knk02BCZEs> Acesso em 14/04/2020.

[14] Link para o filme: <https://www.youtube.com/watch?v=J3cZYI5Dar8> Acesso em 14/04/2020.

[15] Link para o filme: <https://www.youtube.com/watch?v=0aYosxOhL6g&t=338s> Acesso em 14/04/2020.

[16] Link para o filme: <https://www.youtube.com/watch?v=qvnOmdgKzS4> Acesso em 14/04/2020.

[17] Link para o filme: <https://www.youtube.com/watch?v=Azy1Oh7zV14> Acesso em 14/04/2020.